

## A DEITICIDADE COMO ESTRATÉGIA SOCIOCOGNITIVA NO CONTEXTO DEMENCIAL: UM ESTUDO DE CASO

Emanuelle de Souza Silva Almeida<sup>1</sup>  
Nirvana Ferraz Santos Sampaio<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta um estudo sobre a linguagem do sujeito MP, com 79 anos e com diagnóstico de Demência de Alzheimer (DA). Tomamos a linguagem como atividade constitutiva que 'dá forma' as experiências humanas (FRANCHI, 1977) e nos ancoramos na Teoria da Enunciação (BENVENISTE, 1995) por entender que essa teoria preconiza que somente há possibilidade de comunicação porque cada locutor se apresenta como sujeito apropriando-se do 'eu' que, por sua vez, terá um interlocutor que figurará como 'tu'. Neste trabalho, a referência dêitica efetiva-se enquanto especificidade enunciativa que, além de sua função demonstrativa, permite apresentar na e pela linguagem os meios e as condições de uma situação enunciativa, ou seja, os dêiticos são elementos constitutivos da língua que tem como função nos proporcionar pistas para que seja possível distinguir os interlocutores e suas práticas referenciais. Trata-se de um estudo qualitativo a partir da narrativa de história de vida do sujeito MP. Inferimos que a deiticidade encontrada na narrativa de MP se estabelece como organizadores de sua narrativa, uma vez que ele busca em todo momento se colocar como sujeito da linguagem, ainda que esta se apresente com estranhamento para seu interlocutor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Deiticidade; Sujeito; Demência de Alzheimer.

**ABSTRACT:** This paper presents a study on the language of the subject MP, 79 years old and diagnosed with Alzheimer's Dementia (AD). We take language as constitutive activity that forms human experiences (FRANCHI, 1977) and anchored in the Theory of Utterance (BENVENISTE, 1995) to understand that this theory states that there is only the possibility of communication because each speaker presents himself as a subject appropriating of 'I' that, in turn, will have a speaker that will appear as you. In this work, the effective deictic referencing themselves as specific enunciative that besides it is function demo allows the display and language the means and conditions of an enunciative situation, the deictic constitutive elements of the language that this the function provide us with clues to be able to distinguish the interlocutors and their practices benchmarks. This is a qualitative study from the narrative of the life history of the subject MP. We infer that the deictic indication found in narrative MP establishes himself as organizers of his narrative, as he seeks at all times to put the language as a subject, even if it is presented with strangeness to his interlocutor.

**KEYWORDS:** Deictic indication; Subject; Alzheimer's Dementia.

---

<sup>1</sup> Mestra em Linguística pela UESB. Membro do Grupo de Pesquisas em Neurolinguística (GPEN), cadastrado no CNPq/UESB. E-mail: emanuellenanet@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Professora Doutora em Linguística pela UNICAMP, lotada no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB. Líder do Grupo de Pesquisas e Estudos em Neurolinguística (GPEN), cadastrado no CNPq/UESB. E-mail: nirvanafs@terra.com.br.

## 1. Considerações Iniciais

O processo de envelhecimento é um evento irremissível aos seres vivos. No que se refere aos dados encontrados em diversas pesquisas, a população mundial está envelhecendo e, por esse motivo, áreas de estudos como a gerontologia, geriatria, neuropsicologia têm buscado, cada vez mais, compreender os processos do envelhecimento. No tocante ao Brasil, sabe-se que a média de vida aumentou nos últimos anos, tal fato se deve aos avanços na medicina e nas áreas terapêuticas, o desenvolvimento da farmacologia e a melhoria da saúde pública. No processo natural do envelhecimento, há um declínio progressivo das atividades funcionais do indivíduo (senescência). Entretanto, em condições normais esses declínios não causam qualquer problema.

O termo demência vem do latim, *dementia*, de + *mentia*, que significa ausência de mente. Atualmente, em todo mundo, tem-se buscado lançar um outro olhar para um conceito herdado do século XVIII, que associava esse termo a um estado terminal. Mesulam (2000) define demência dentro de um novo construto: “Declínio cognitivo e/ou comportamental crônico e geralmente progressivo, que causa restrições graduais nas atividades da vida diária e que não pode ser explicado por modificações na consciência, na mobilidade ou no sensorio”.

Diversos conceitos têm sido utilizados, e, ainda que a incidência das demências cresça com avanço da idade, ainda não são percebidas como vertente normal ao envelhecimento, ao contrário, mesmo que as vicissitudes nas atividades cognitivas e o aumento dos sulcos do córtex sejam comuns no envelhecimento, elas se estabelecem como uma patologia que afeta o córtex cerebral e/ou suas conexões subcorticais. As demências são classificadas em vários tipos de acordo com o quadro clínico, a mais comum é a Demência de Alzheimer (DA), também existem a doença de Lewy, a doença de Parkinson, a demência vascular, dentre outros.

A DA é responsável por mais da metade das demências. Segundo Ballone (2004), existe em todo mundo cerca de 25 milhões de pessoas com DA, sendo a terceira causa de morte em países desenvolvidos. Nos estágios iniciais, é comum problemas relacionados à memória e linguagem além de dificuldades para prejuízos em outras atividades cognitivas. Ela tem como característica a perda progressiva da memória acompanhada do declínio nas demais funções cognitivas

como a linguagem, sendo assim, atribui-se aos testes neuropsicológicos grandes responsabilidades na verificação desta função cognitiva.

No que tange à linguagem dentro dessa esfera, considerando uma perspectiva sócio-cognitiva não é possível percebê-las como uma característica corrompida pela patologia em si, sem que isso seja discutido enquanto um posicionamento genérico de um problema que, em outra situação, é percebido como marcas constitutivas da linguagem humana que possibilitam o processo interativo e adaptativo na linguagem posta em uso.

Dito isso, não é possível perceber o sujeito demenciado e sua linguagem sem que sejam consideradas todas as circunstâncias que envolvem a vida diária deste sujeito, em seu caráter social, cultural e biológico, pois entendemos que num ambiente clínico as situações de linguagem em uso permeiam sobre a égide de testes neuropsicológicos, onde não são consideradas a constituição do indivíduo enquanto sujeito falante, que muitas vezes é mais capaz de falar de si e de sua doença do que os testes padronizados aos quais são expostos, principalmente, porque, em situação de uso, sua fala solicita mais de sua memória e de sua atenção ao evocar o passado para relatar fatos vividos do que em atividades de memorização de palavras e sequências numéricas dentro de uma esfera metalinguística e objetiva.

As reflexões linguísticas vêm discorrendo sobre a relevância de se considerar a relação estabelecida entre a linguagem e o homem, considerando toda dinâmica dos processos interativos. Entendendo que os estudos linguísticos, principalmente, a Teoria da Enunciação, buscam pensar sobre a constituição da subjetividade através da enunciação, concebemos que a narrativa de história de vida nos permite pensar sobre esse processo constitutivo dentro do contexto da Demência de Alzheimer.

Ao considerar a linguagem enquanto um lugar de constituição, uma atividade que 'dá forma' as experiências humanas, é oportuno refletirmos sobre o processo enunciativo discursivo de um sujeito acometido pela DA, como lugar eminente para refletir sobre o que nos desafia: O sujeito com DA, em sua atividade languageira, consegue constituir-se enquanto sujeito? Buscamos responder a essa questão, hipotetizamos que, por considerar a narrativa de história de vida como uma prática reflexiva sobre si mesmo e sobre o mundo, entendendo que, por dificuldade à evocação de palavras, o sujeito com DA faz bastante uso de unidades

dêiticas, acreditamos que esses elementos não se configuram em uma simples categoria de palavras, mas como lugar onde os processos interativos se apresentam de maneira mais efetiva para produzir significados.

Os elementos dêíticos são primazes para entender a importância do contexto numa situação linguística. Essas percepções ratificam as proposições de Bakhtin (1929) sobre a constituição do sujeito pela dinâmica do sistema linguístico. Em outras palavras, a referência dêítica sustenta o indivíduo em sua fala, configurando-o na enunciação, permitindo que este se constitua como sujeito da linguagem, justificando, assim, a referência dêítica como eixo empírico para a realização deste trabalho.

Defendemos aqui a necessidade de apresentar neste estudo a relação entre os estudos enunciativos ao funcionamento linguístico-discursivo do sujeito MP através da narrativa de sua história de vida como mecanismo para constituir-se enquanto falante, através do uso da referência dêítica, por acreditar que esta se estabelece como elo entre o sujeito e o seu meio, para tanto, nos apoiaremos em Benveniste (1995), Lahud (1979), Marcuschi (2007), Koch (2007), entre outros.

## 2. 'Formando' o vivido

Segundo Franchi (1977, p. 12), a linguagem é uma atividade constitutiva que se sustenta e é sustentada na interação social:

Concebemos assim a linguagem como um trabalho que 'dá forma' ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção e retificação do 'vivido', que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. (FRANCHI, 1977, p. 12)

Dessa forma, o conceito de linguagem adotada neste estudo é de grande relevância, pois além de considerarmos seu caráter referencial, consideramos, sobretudo, sua natureza social, cognitiva e histórica.

Franchi não considera a linguagem como um simples espelhamento do mundo, mas sim, enquanto atividade. Sendo assim, entendemos a linguagem como trabalho daquele que opera sobre própria linguagem. Verificamos um posicionamento similar em Benveniste (1996):

Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido. Assim, a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva. (BENVENISTE, 1996, p. 26)

A linguagem enquanto um sistema semiótico é dotada de significações para nós (enquanto sujeitos do discurso) como para os outros (enquanto interlocutores) no momento da realização efetiva onde a experiência interior de um sujeito torna-se acessível a outro. (BENVENISTE, 1995)

Conforme afirma Morato (2000, p. 154), em suas pesquisas sobre o pensamento vygotskyano “não há possibilidades integrais de conteúdos cognitivos ou domínio do pensamento fora da linguagem, nem possibilidades integrais de linguagem fora dos processos interativos humanos”. No tocante as conexões entre memória e linguagem, Cruz (2004) salienta que a linguagem verificada dá conta dos dados inerentes à memória, banindo assim a reciprocidade entre elas.

Lendo Cavalcante (2003), percebe-se que a trama do tecido textual é estabelecida através de conteúdos linguísticos e processos cognitivos que estão imbricados na produção de sentido. Dessa forma:

Os sentidos de um texto, falado ou escrito, não se esgotam naquilo que ele explicita. Compreender ou produzir um texto envolve um processo de interação contínua entre o enunciador e os possíveis interlocutores que, por sua ação conjunta de criar e recriar sentido e referência, podem ser chamados de *co-enunciadores*. (CAVALCANTE, 2003)

Assim, uma reflexão enunciativa discursiva da linguagem nos apresenta base para compreender os mecanismos que vincula a linguagem à memória considerando-os como duas funções distintas, porém imbricadas. Posicionamo-nos no eixo da Linguística da Enunciação<sup>3</sup>, por nos apresentar que a atividade linguageira está associada a uma cadeia estimável de relações, tanto nos aspectos

<sup>3</sup> Teoria Linguística postulada por Émile Benveniste na década de 60, responsável por marcar a presença do homem na língua.

intersubjetivos como também entre o homem e seu espaço. Dessa maneira, consideramos que as marcações dêiticas nos forneçam suporte para a compreensão do funcionamento desta manifestação discursiva, não somente numa atividade narrativa, mas no caso de nosso estudo, numa atividade narrativa e num sujeito com Demência de Alzheimer. Elegemos a dêixis por considerá-la lugar de excelência em que os processos interativos se manifestam de forma efetiva, posto que as unidades dêiticas solicitam da circunstância interativa para atribuir-lhes significação.

O termo dêixis é de origem grega e coincide com a origem de seu uso na descrição gramatical grega. A relação desse termo com a linguagem figura-se na esfera etimológica, uma vez que a raiz (deik – dik) é recorrente em várias palavras gregas e latinas, entre as quais está incluída a palavra dicere.

Para Bühler (1934), as expressões dêiticas referem-se a um campo dêitico da linguagem, cujo origo (ponto zero) está vinculado naquele que fala, para este autor as palavras dêiticas são vazias, solicitando pistas situacionais. Ele dispõe a distinção entre nomear e mostrar como dois meios elementares de significação linguística, sancionando a importância e especificidade da significação dêitica.

Segundo Benveniste (1996, p. 80), a “referência é parte integrante da enunciação” sendo constituída dentro de uma instância discursiva. Para ele, é bastante comum o uso de expressões como indicadoras de subjetividade, de índices da enunciação. Dessa forma, a referência configura-se como um jogo de formas, cujo papel é estabelecer entre locutor e a enunciação uma relação constante. O autor salienta que os dêiticos são expressões cuja referência tem sentido apenas na situação enunciativa, pois a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo ele mesmo como sujeito do discurso. Nessa conjectura, o eu do código está disponível a todos os falantes, onde falar é apropriar-se desse código, é organizar sua fala em torno do eu/aqui/agora. Nessa perspectiva, a dêixis é uma categoria essencial que possibilita a representação da subjetividade na linguagem, pois para ele os dêiticos só existem no momento em que um indivíduo toma para si esses elementos através da necessidade de se comunicar.

### 3. O sujeito referenciador

Pensar sobre as referências dêiticas em uma arena de instabilidade, como é o caso da DA, apresenta-nos conveniente ao passo em que possibilita revelar processos que talvez não estariam difusos em contextos não demenciais. As unidades dêiticas são primazes para mostrar a relevância de se perceber a proeminência do contexto ao qual está acontecendo a situação linguística. Os elementos dêíticos não se estabelecem como uma classe fechada de palavras, eles podem e devem ser qualificados de acordo com seu funcionamento. Dessa forma, o estudo da referência dêítica se estabelece como eixo empírico para a realização de nosso estudo.

A dinâmica do processo de referência dêítica firma-se numa atividade que excede os aspectos linguísticos, ela busca junto à esfera enunciativa suporte para dar conta das significações. Tais processos são estabelecidos num *continuum* constituído pela linguagem, interação, cognição e pensamento. (MORATO, 2000)

Ao inclinarmos sobre o estudo da referência dêítica, direcionamo-nos à uma vertente sócio-cognitiva da linguagem, cedemos ao contexto de produção, por acreditar que diversos aspectos semiológicos são evocados para estabelecer a significação. Sabemos da riqueza dos processos referenciais, uma vez que eles abarcam muitas vezes gestos, expressões, entonações, estabelecendo um caminho para a significação. Desse modo, o sujeito com DA ainda que apresente uma linguagem esgarçada não deixa de se expressar por seus mecanismos referenciais.

É importante apontar que, ao observarmos um sujeito demenciado em produção de fala, o emprego da dêixis é bastante proeminente. Segundo Koch (2007), a construção de sentido está relacionado a um conjunto de fatores situacionais, cognitivos e socioculturais que, ao ser processado pelos interlocutores, produzirá sentido, pois, para a autora, a condição de produção e os processos interativos entre os interlocutores são essenciais, uma vez que o texto falado possui estruturação própria que se efetiva através de situações sócio-cognitivas presentes durante a produção. Verificamos então que o sujeito com DA não é aquele que não sabe o que fala ou que fala pouco, mas um sujeito que fala de outra maneira procurando atribuir sentido ao que se fala.

Para Marcuschi (2007), a referência dêítica pertence ao campo demonstrativo sendo firmado 'caso a caso' por intermédio das relações opostas

eu-tu, agora-depois, aqui-lá, que por sua vez serão firmados através das relações estabelecidas entre os interlocutores e seu espaço enunciativo.

Postulando que a língua como tal não tem uma semântica, já que é indeterminada e os sentidos são situados e interativamente construídos, devemos providenciar uma explicação dos processos de construção referencial. [...] Assim, se fosse querer para os dêiticos o mesmo procedimento referencial para os nomes, deveríamos ter para cada “aqui” e para cada “agora” ou “eu” um nome e com isso precisaríamos de tantos nomes quantos usos. (MARCUSCHI, 2007, p. 75-6)

A referenciação dêitica sustenta um lugar relevante nas reflexões intrínsecas ao contexto, pois ela é a forma mais evidente de que ambiente enunciativo é absorvido pela linguagem. Os elementos dêiticos, percebidos enquanto práticas interacionais assumem o papel de associar o enunciado à enunciação, no entanto, tais elementos não detêm significação por si só (HÁNKES, 2008).

São importantes as questões dêiticas nos estudos de Hanks (2008) visto que elas se vinculam às circunstâncias de uso no discurso e são exatamente os processos interativos que despertam interesse do autor. Abarcamos a perspectiva desse autor porque ele propõe que a referenciação dêitica seja tratada como um campo demonstrativo bastante complexo onde a escolha da unidade dêitica sinaliza para a elaboração do objeto e da circunstância de uso,

O campo dêitico fornece um espaço de posições e de tomada de posições com relação aos objetos e seus valores no campo social incorporado. Explorar o campo dêitico é, portanto, explorar um tipo especial de princípios no interior da fina estrutura da prática comunicativa, um princípio ao mesmo tempo individual e social, cognitivo e corporificado, emergente e durável, linguístico e não-linguístico. (HANKS, 2008, p. 26)

É possível verificar que as palavras não são estáveis, elas não possuem um significado preestabelecido, por isso, o discurso traz dentro de si uma gama de percepções que podem se relacionar entre si ou não, ou seja, a interação face a face é o contexto primordial para a socialização humana, de modo que se torna o lugar das análises inerentes a linguagem.

Ao refletirmos sobre o sujeito com DA em interação com outros sujeitos, é possível verificar que diversos sistemas (o verbal e o não verbal) constituem a significação. No entanto, para que esses sistemas sejam percebidos é primordial que os interlocutores possuam entre si conhecimentos de mundo compartilhados, onde tais conhecimentos constroem na interação objetos de discurso. Com isso, podemos concluir que a linguagem verbal se constitui num sistema que é estabelecido através das relações entre os sujeitos e entre o sujeito e seu espaço.

No contexto enunciativo, na construção de sentido, Benveniste desenvolve sua teoria a cerca dos pronomes pessoais e das instâncias discursivas como índices de subjetividades. As preposições deste linguista partem de uma reflexão que apresenta o homem na língua, ou seja, um sujeito que fala e um sujeito que escuta, mostrando o papel do falante da linguagem na existência do homem. Para ele, a linguagem está na natureza humana, onde concebê-la enquanto instrumento é o mesmo que contrapor o homem e sua natureza:

Não atingimos o homem separado da linguagem e não vemos numa inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conhecer a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem.(BENVENISTE, 1996, p.285)

É mediante essa assertiva que se funda a subjetividade, não como uma experiência individual, mas como a continência do falante em se posicionar em quanto sujeito, nas palavras de Benveniste (1996): “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (p.287). Para ele, a subjetividade na linguagem é fomentada através da configuração da categoria de pessoa. Os indicadores de pessoa se estabelecem como os marcadores de subjetividade, ou seja, subjetividade e realidade estão implicadas ligando-se através da dêixis.

Por em evidência a sua relação com o eu definido-os: aqui e agora o delimitam a instancia espacial e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância do discurso que contém eu. Essa série não se limita a aqui e agora e acrescida de grande número de termo simples ou complexo que procedem da mesma relação: hoje, ontem, amanhã, em três dias. (BENVENISTE, 1995, p.279)

O sujeito coloca a língua em funcionamento através de um ato individual de utilização e é de fato esse aspecto individual que nos permite refletir sobre a linguagem num contexto fora do habitual. Pois se um sujeito com problemas de cunho cognitivo pressupõe uma forma única de se apresentar na linguagem, é indiscutível que essa forma revelará o próprio funcionamento linguístico-discursivo desde sujeito. Como afirma Benveniste (1996, p. 84), “a presença do locutor em sua enunciação faz com cada instância de discurso constitua um centro de referencia interna”, ou seja, o ato de falar e se posicionar enquanto sujeito vai se estabelecer num jogo de formas específicas utilizadas por este sujeito cujo papel é colocá-lo em relação constante e necessária com sua enunciação.

#### 4. Uma amostragem: A referenciação dêitica na DA

Buscando entender o processo de referenciação dêitica na DA, tomemos o dado transcrito da situação interativa ocorrida no dia vinte e cinco de abril de dois mil e doze. Ele foi transcrito seguindo o modelo de Análise de Conversação postulado por Marcuschi (1997) com algumas adaptações (conforme anexo 1).

Na transcrição abaixo, o senhor MP relata sobre sua vida, época em que acompanhava seu pai na roça. Período em que mudou muito de cidade até chegar em Jaguaquara, cidade em que morou e que fica a cerca de 56 km da cidade de Jequié, onde mora há 50 anos.

**Quadro 1:** Alí/lá em Jaguaquara

Turno	Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre condições de produção	Observação de condições do enunciado não verbal
01	MP	o meu pai achou feito parar aqui' parar cá'		Olhar distante
02	InESSA	para cá onde? quais lugares vocês foram?		
03	MP	para o sul veio aqui para Jaguaquara' ele faleceu aí no sul aqui em Jaguaquara		Aponta para sua direita
04	InESSA	Hum		Balança a cabeça em sinal de afirmação
05	MP	acabou tudo mas pelo menos criou os filhos né?		

No turno 01 - *o meu pai achou feito parar aqui' parar cá* -, encontramos um fato bastante interessante pois, embora os elementos dêiticos - aqui e cá- sejam empregados para designar uma localização espacial específica em relação aos interlocutores, neste recorte, eles sinalizam para um lugar abrangente, ou seja, nesta situação enunciativa, eles não se limitam a demarcar o espaço físico, mas para um lugar indeterminado.

No que se refere ao turno 03 - *para o sul' veio aqui para Jaguaquara' ele faleceu aí no sul aqui em Jaguaquara-*, MP se mostra confuso em seu enunciado, ocasionando dificuldade de entendimento ao seu interlocutor, pois a cidade de Jaguaquara aparece como sua localização espacial, todavia, quando observamos o aspecto não verbal, verificamos que seu enunciado faz sentido, pois embora ele empregue o 'aqui' ele aponta em direção ao sul.

Essa situação nos faz lembrar de Bakhtin (1929), quando ele afirma que toda enunciação humana, até mesmo a mais elementar, deve ser concebida como algo estabelecido fora do indivíduo, considerando suas condições extra-orgânicas de seu mundo social. Dessa forma, é possível constatar que, num contexto patológico ou não, as inferências que acontecem numa interlocução estão relacionadas ao contexto sócio-cultural, pois todo enunciado é sempre dislógico, em outras palavras, todo enunciado é sempre um enunciado de alguém para alguém, se não acontecesse dessa forma, o diálogo seria uma ponte sem sustentação do outro lado, seria apenas um conjunto de monólogos. Nesta perspectiva, pensamos que o estudo do enunciado é bastante interessante não apenas como mecanismos para entender o funcionamento da linguagem do sujeito com DA, mas para refletir sobre a construção dos aspectos subjetivos do sujeito.

## 5. Considerações Finais

O que encontramos nessa situação interativa é que a construção de sentido se dá na relação com o outro através de recursos linguísticos. É na enunciação que MP interage com a pesquisadora e consegue atribuir significado a sua fala. Nesse recorte, verificamos que um das formas mais representativas da subjetividade do homem na linguagem são as marcações dêiticas, pois os elementos dêiticos somente existem no momento em que o indivíduo toma para si esses elementos através da necessidade de se posicionar enquanto sujeito falante.

A reflexão sobre constituição do sujeito na linguagem e pela linguagem deve ser orientada pela atividade linguística do falante no eu/aqui/agora da enunciação, considerando as variáveis que abalizam as condições de produção, onde cada instância do discurso se institui como referência, de modo que através das negociações sócio-cognitivas o sentido é constituído.

Inferimos que as vicissitudes linguísticas comum ao processo de envelhecimento se apresenta também na fala do sujeito com DA. No entanto, no 'continnum' discursivo elas se revelam com maior frequência.

### Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1929.
- BALLONE GJ- **Depressão na Doença de Alzheimer**- in. PsiqWeb Psiquiatria Geral, Internet, 2004. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/site/>>. Acesso em: 03 fev. 2012.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística geral I**. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1996.
- BÜHLER, K. The deictic field of language and deictic words. In: R. J. JARVELLA e W. KLEIN (eds.) **Speech, place and action: studies in deixis and related topics**. New York: John Wiley and Sons, 1934.
- COUDRY M. I. **Diário de Narciso**: discurso e afasia. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- CRUZ, F. M. da. **Uma perspectiva enunciativa das relações entre linguagem e memória no campo da Neurolinguística**. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/Unicamp, 2004.
- FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva. in **Almanaque**, 5. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- HANKS, W. F. **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. Tradução de Ana Christina Bentes, Marco Antônio Rosa Machado, Marcos Rogério Cintra e Renato C. Rezende. São Paulo: Cortez, 2008.
- KOCH, I.V. **O texto e a construção dos sentidos**. 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- LAHUD, M. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo: Ática, 1979.
- LESSA, I. **O adulto brasileiro e as doenças da modernidade**: epidemiologia das doenças crônicas não-transmissíveis. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1998.
- LINS, O. **Os gestos**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2003.
- MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. 5. ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1997.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MESULAM, M.-M. Aging, Alzheimer's Disease, and Dementia: Clinical and Neurobiological Perspectives. In: M.-M. Mesulam (ed.). **Principles of Behavioral and Cognitive Neurology**. 2<sup>a</sup> ed. Oxford, Oxford University Press, pp. 439-522, 2000.

MORATO, E. M. Linguagem e Cognição – As reflexões de L.S. **Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem**. São Paulo: Plexus, 1996.

MORATO, E. M. Neurolinguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Ed.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Ed. Cortez, 2001. V. 2.

\_\_\_\_\_. Metalinguagem e referência: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referência e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1939.

### **Anexo 1**

O quadro-modelo utilizado para as transcrições baseado no modelo da Análise de Conversão proposto por Marcuschi (1997) com adaptações para o Nurc.

OCORRÊNCIA	SINAIS
Indicação de falante	MP (sujeito) InESSA (pesquisadora)
Pausas	(+) para pausa pequena, (++) ou (2.5) para pausas maiores
''	Aspa simples, para uma subida leve, como uma vírgula
:	Dois pontos, indica alongamento vocálico
(...) ou /.../	Indica transcrição parcial ou de eliminação
?	Questão interrogativa
( )	Trecho inteligível

**Recebido:** 30/11/2012

**Aceito:** 05/05/2013

